

A PRÁXIS DOCENTE: A AFETIVIDADE E SUA AÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

TEACHING PRACTICE: AFFECTIVITY AND ITS PEDAGOGICAL ACTION IN THE LEARNING PROCESS

LA PRÁXIS DOCENTE: LA AFECTIVIDAD Y SU ACCIÓN PEDAGÓGICA EN EL PROCESO DE APRENDIZAJE

Gicele Santos da Silva¹

Resumo

Na ação docente, o professor constantemente revê sua formação, que se constitui por meio de crenças, valores, atitudes, questionamentos e troca de experiências, fazendo-o perceber o ato de ensinar e aprender como uma práxis transitória entre a aprendizagem e as relações interpessoais estabelecidas entre professor e aluno. O objetivo deste artigo é investigar a afetividade frente a esse processo, sendo ela um agente multiplicador de competências e habilidades, uma busca investigativa dos fatores, que fazem das relações humanas entre professor e aluno um diferencial para aquisição de novos saberes, nos quais a afetividade é um instrumento pedagógico que subsidia a educação do sujeito. Em decorrência disso, para o mercado de trabalho o afeto é fundamental de todas as formas, em todas as fases da vida. O estudo destaca a importância dos vínculos afetivos no processo de ensino-aprendizagem e do papel do professor em manter-se atento diante dos vários aspectos de afeto estabelecidos nessa relação. O método escolhido consiste em uma pesquisa exploratória por meio de bibliografias de autores que dão ênfase à questão afetiva e sua contribuição, tanto pedagógica quanto educacional, no processo de ensino-aprendizagem por intermédio do professor. Sendo assim, inúmeras possibilidades abrem-se para o ato de aprender e ensinar; ora sujeito, ora objeto. Tal troca permite ampliar os saberes, explorar mecanismos que auxiliam na interação e na crescente necessidade de encaminhar ações eficazes, permanentes e sustentáveis para a construção de um novo paradigma educacional.

Palavras-chave: docência; afetividade; ação pedagógica; processo de aprendizagem; pedagogia afetiva.

Abstract

In teaching, the teacher constantly reviews his training, constituted through beliefs, values, attitudes, questions and the exchange of experiences. This brings forth the perception that the act of teaching and learning is a transitional practice, inserted between learning and the interpersonal relationships the teacher and the students establish. The objective of this article is to: investigate affectivity in this process as a multiplier agent of skills and abilities; and search for the factors that make the teacher-student relationship a differentiator for the acquisition of new knowledge, since affectivity is a pedagogical instrument that aids the subject's education. As a result, for the job market, affection is fundamental in all forms and at all stages of life. The study highlights the importance of emotional bonds in the teaching-learning process and the role of the teacher in remaining attentive to the various aspects of affection established in this relationship. The chosen method consists of exploratory bibliographic research considering authors who emphasize the affective issue and its contribution, both pedagogical and educational, to the teaching-learning process mediated by the teacher. Consequently, countless possibilities are suggested for learning and teaching — sometimes subject, sometimes object. This exchange allows for expanding knowledge, exploring mechanisms that assist in interaction and the growing need to take effective, permanent and sustainable actions towards the construction of a new educational paradigm.

Keywords: teaching; affectivity; pedagogical action; learning process; affective pedagogy.

Resumen

¹ Aluna do curso de Pedagogia do Centro Universitário Uninter (UNINTER). E-mail: gicele.master@gmail.com

En la acción docente, el profesor constantemente repasa su formación, que se constituye por medio de creencias, valores, actitudes, cuestionamientos e intercambio de experiencias, haciéndolo reconocer el acto de enseñar y aprender como una praxis transitoria entre el aprendizaje y las relaciones interpersonales establecidas entre profesor y alumno. El objetivo de este artículo es investigar la afectividad ante ese proceso, siendo ella un agente multiplicador de competencias y habilidades, una búsqueda investigativa de los factores que hacen de las relaciones humanas entre profesor y alumno una ventaja para la adquisición de nuevos saberes, en los cuales la afectividad es un instrumento pedagógico que fundamenta la educación del sujeto. Como resultado, para el mercado de trabajo el afecto es fundamental de todas las formas, en todas las fases de la vida. El estudio destaca la importancia de los vínculos afectivos en el proceso de enseñanza-aprendizaje y del rol del profesor de quedarse atento ante los varios aspectos de afecto establecidos en esa relación. El método elegido consiste en una investigación exploratoria por medio de bibliografías de autores que dan énfasis a la cuestión afectiva y su contribución, tanto pedagógica como educacional, en el proceso de enseñanza-aprendizaje por intermedio del profesor. De ese modo, surgen inúmeras posibilidades para el acto de aprender y enseñar, como sujeto y como objeto. Tal intercambio permite ampliar los saberes, explorar mecanismos que auxilian en la interacción y en la creciente necesidad de encaminar acciones eficaces, permanentes y sostenibles para la construcción de un nuevo paradigma educacional.

Palabras clave: docencia; afectividad; acción pedagógica; proceso de aprendizaje; pedagogía afectiva.

1 Introdução

A ação docente é uma tarefa árdua no cotidiano. Trata-se de um desafio constante pela pesquisa de formas inovadoras para o ensino e aprendizado. Uma importante ferramenta neste processo é a afetividade, para estabelecer laços com os educandos e, com isso, permear este vasto universo de possibilidades ao redor das etapas de aprendizagem por intermédio das relações estabelecidas entre professor e aluno. Destaca-se a importância do papel do professor como mediador do conhecimento, bem como a relevância da qualidade da relação professor-aluno para o processo de aprendizagem. Esta relação é construída a partir da criação conjunta, na qual o aluno assimila conceitos por meio da prática criativa, enquanto o educador orienta e desenvolve esse movimento de criação junto aos alunos.

A presente pesquisa objetiva compreender as relações interpessoais e o vínculo afetivo que facilita a comunicação e as linguagens, formando laços sólidos nas relações humanas. A originalidade de cada indivíduo cria uma comunicação interpessoal e, com ela, todo o processo que envolve o segredo do conviver. Este artigo busca investigar os fatores que fazem das relações humanas entre o professor e o aluno um diferencial para a aquisição de novos saberes, nos quais a afetividade é um instrumento pedagógico que subsidia a educação do sujeito e, em decorrência disso, prepara-o para o mercado de trabalho.

O método escolhido é de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa por meio de bibliografias de autores que dão ênfase à questão afetiva e sua contribuição, tanto pedagógica quanto educacional, no processo de ensino-aprendizagem por intermédio do professor. Com essa metodologia, podem-se compreender as relações sociais que indicam a trajetória da relação

professor e aluno, tendo como ponto fundamental a questão na formação do aluno e sua vinculação com o processo educacional.

A educação, por sua vez, é tão fascinante que, em dias como os de hoje, quando inúmeros saberes estão ao alcance de apenas um clique, primar pelo contato ao vivo, discutir ideias, trocar experiências que não sejam pelo celular ou computador, é algo que causa espanto. Sobre essa percepção, Chalita (2001) afirma:

A educação não pode ser um mero instrumento de conhecimento para fins de competitividade. A educação não pode ser reducionista; devem ser amplas, na direção da formação dos seres humanos completos, críticos e participativos, na direção da construção da cidadania (Chalita, 2001, p. 58).

A figura do professor educador deve ter como objetivo a busca e a viabilidade de ferramentas que o motivem e impulsionem o aluno no processo de aprendizagem, possibilitando a ele uma visão de futuro e escolha de caminhos que o levem ao sucesso e a realização pessoal, ao mesmo tempo em que o preparam para as adversidades que encontrará durante seu processo de crescimento enquanto indivíduo. O foco do docente deverá ser de comprometimento em estabelecer uma relação de confiança e de afetividade para com o aluno dentro da sala de aula, preparando-o para o futuro e para a vida, e conduzindo-o com responsabilidade e afeto.

2 A afetividade como instrumento mediador de conhecimento

Os relacionamentos de todos os envolvidos no cotidiano educacional revelam diferentes conhecimentos, habilidades de relacionamento interpessoal, conteúdos da cultura que são temporais, múltiplos e heterogêneos.

A construção dos saberes acontece no tempo de vivência do indivíduo, junto à sua família, na escola, nas integrações cognitivas e afetivas. Devem-se estabelecer relações de empatias com o outro ser humano, procurando entender e perceber seus sentimentos, intenções e mensagens. Tais características nos dão a possibilidade de um relacionamento pleno com os demais, além de uma melhor qualidade de vida.

Falar de afetividade, segundo Benato (2001, p. 13): “[...] é falar da essência da vida humana no sentido em que o ser humano, social por natureza, se relaciona e se vincula a outras pessoas desde sempre, sendo feliz e sofrendo em decorrência dessas inter-relações”. Para Ferreira (1999), a afetividade significa:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de

satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. O afeto é essencial para todo o funcionamento do nosso corpo. Ele nos dá coragem, motivação, interesse, e contribui para o desenvolvimento do ser. Durante toda a nossa existência, muitos acontecimentos fazem parte da nossa consciência; são as nossas experiências de vida. Essas experiências podem ser agradáveis ou não e é por meio do afeto que aprendemos essas informações. Todas as relações familiares, profissionais ou pessoais são permeadas pela afetividade, em qualquer idade ou nível sociocultural (Ferreira, 1999, p. 62).

Conforme afirmação de Wallon (2008):

[...] a afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico (Wallon, 2008, p. 73).

A afetividade se faz presente na vida de qualquer indivíduo, independente da sua origem ou classe social. Para Antunes (2006), trata-se de:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor (Antunes, 2006, p. 5).

É fundamental que o estudante compreenda a conexão entre o conteúdo aprendido e sua realidade. Assim, a aprendizagem pode desencadear mudanças efetivas no comportamento, enriquecendo sua educação e promovendo uma aprendizagem significativa. Isso ocorre ao ajustar o pensamento, refletir e construir com afeto e emoção, estabelecendo uma ligação emocional nas atividades cognitivas e simbólicas. Essa abordagem racional contribui para a construção de um conhecimento mais prazeroso.

Nas escolas, tradicionalmente, a relação professor-aluno era vertical. Nesse tipo de relação, o poder do conhecimento e do saber pertence ao professor, e o educando apenas recebe este conhecimento pronto. Nesse contexto, o professor não fazia questão de vivenciar com os seus alunos a aprendizagem, e atuava sem qualquer tipo de expressão humana em relação ao aluno, prejudicando sua qualidade afetiva e produtiva em sala de aula. Com isso, o papel do educador ficou comprometido com a construção do conhecimento dos educandos.

O docente precisa saber visualizar exercícios de cooperação que sustentarão os próprios desenvolvimentos cognitivos, moral, social e afetivo dos discentes. O professor deve ser um facilitador, desenvolvendo a criatividade, vinculando valores sólidos, e contribuindo para a formação de um indivíduo/aluno com personalidades únicas. Conforme Freire (1997, p. 47):

“às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar, na vida de um aluno, um simples gesto do professor”.

Para Mahoney e Almeida (2007), é importante a construção de um ambiente afetivo em sala de aula, mas o ambiente está diretamente ligado à postura assumida pelo professor. Os autores afirmam que “reconhecer o clima afetivo e aproveitar a rotina da sala de aula para provocar o interesse do aluno” (Mahoney; Almeida, 2007, p. 126). Para Cunha (2017):

Quando o professor chega perto do aluno quando o chama pelo nome, há uma interação que faz o aluno se sentir sujeito do ato de aprender. Isto o anima a interferir no conhecimento, ainda mais quando o professor usa palavras de estímulos à sua capacidade de pensamento. Muitos professores usam o senso de humor para tornar-se mais próximos de seus alunos, dessa forma desmistificam a relação autoritária entre professor e aluno (Cunha, 2017, p. 72).

Segundo Piaget (1971), não há a possibilidade de desassociar a afetividade da cognição, no desenvolvimento intelectual do indivíduo. O autor afirma: “A vida afetiva, como a vida intelectual, é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura” (Piaget, 1971, p. 271).

A relação afetiva estabelecida entre o aluno e o professor apresenta uma certa vulnerabilidade. Muitos docentes ignoram que o processo de evolução da afetividade potencializa o desenvolvimento cognitivo do aluno, o que provoca uma demonstração superficial de carinho.

À medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas da criança tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. Conforme a idade da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem (Almeida; Mahoney, 2004, p. 198).

A afetividade em um amplo conceito define expressões e vivências humanas complexas, com a apropriação dos sistemas culturais pelo indivíduo, mas tendo como origem as emoções. Deve ser uma constante de o educador provocar o seu aluno para uma reflexão sobre as ações propostas, não só para o desenvolvimento cognitivo daquele indivíduo, mas estabelecendo vínculos positivos junto aos conteúdos desenvolvidos.

Chalita (2001, p. 153) relata que: “[...] quando o professor realiza pequenos gestos de atenção com o aluno, ele está quebrando barreiras e fertilizando o terreno da amizade”. Ainda segundo o autor, é o famoso afeto, que nada tem de complicado e que não exige sacrifícios,

bastando um pouco de boa vontade e muito de vocação para o magistério, que faz acontecer às mudanças (Chalita, 2001). Já segundo Saltini (1997):

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis, faz parte da paz que os alunos precisam. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar a criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-a sozinha ou junto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento de si mesmo, tanto do educador quanto da criança (Saltini, 1997, p. 91).

Afinal, quem é o profissional? Quem é que deve criar condições para que a aprendizagem aconteça? Quando Chalita (2001) fala que basta um pouco de boa vontade e muito de vocação para o magistério, cabe uma pergunta que todo educador deveria se fazer: Estou fazendo diferença na vida dos meus alunos? Sou realmente um professor, um mestre? Ou sou apenas um transmissor de conteúdo? Logo, educar não é transmitir conhecimento, mas dar a oportunidade de o aluno aprender e buscar suas próprias verdades. Para isso, deve-se utilizar o afeto. Sobre isso, Cunha (2017, p. 51) argumenta:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é o meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que em muitas vezes estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

De fato, o afeto é uma importante ferramenta no auxílio ao professor. Sendo desenvolvido em sala de aula, com o objetivo de alcançar a atenção do aluno, certamente pode provocar vontade em querer aprender e, ao mesmo tempo, tornar-se participativo. O poder do afeto é magnífico. Ele quebra crenças limitantes além de promover o bem-estar ao aluno. Conforme Saltini:

Inicialmente, educar seria, então, conduzir ou criar condições para que, na interação, na adaptação da criança de zero até seis anos, fosse possível desenvolver as estruturas da inteligência necessárias ao estabelecimento de uma relação lógico-afetivo com o mundo (2008, p. 12).

O educador que tem um olhar sensível é o que, em sua prática pedagógica, avalia seus alunos e trabalha com eles de forma atenciosa e é capaz de compreender, contextualizando seus valores, em cima da realidade dos alunos para a melhor aprendizagem. A sensibilidade do professor torna-se capaz de entender os estágios de desenvolvimento da criança, fazendo-a vivenciar um mundo de imaginação, sonhos, alegrias, dentre outros. O professor precisa

conhecer aquele indivíduo para usar de estratégias que produzam resultados satisfatórios, concordar que o aluno tem um papel importante no uso da didática adotada pelo professor.

Com isso a educação, a qual demonstra que o sujeito (aluno), hoje passa a ter importância no ensino-aprendizagem, revela também que para haver um aprendizado significativo a relação que acontece, exerce influência, portanto, se faz necessário orientá-lo quanto ao uso deste conhecimento (Saltini, 2008, p. 49).

Saltini (2008) detalha que a relação desenvolvida entre o professor e o aluno permite grande aquisição e conhecimento, cada momento que é compartilhado por eles enriquece o aprendizado. Esses momentos são representados pelo que chamamos de afetividade. Como foi dito anteriormente, o cognitivo não está dissociado do afetivo. Nesse sentido, Cunha (2017, p. 85) também afirma que: “A sala de aula ao revestir-se da sua humanidade, com laços de compreensão e entendimento, com atividades dinâmicas e desejadas, com participação ativa do aluno e nutridas por seu interesse, poderá tornar o aprendizado surpreendente”.

A criança, em sua infância, demonstra o vínculo afetivo inicialmente na relação familiar: pais, filhos e irmão(s). Na fase escolar, a criança estabelece um vínculo afetivo com o professor, impulsionada pelo processo de aprendizagem. Esse processo é detalhado por Fernandez (1991):

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. [...] Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. Com isso, [fica esclarecido] que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, psicopedagogos, conteúdo escolar, livros, escrita, não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações (Fernandez, 1991, p. 47-52).

Observa-se que a afetividade deve fluir dentro da sala de aula, pois é nela que se desenvolve a educação emocional que prepara os alunos a se tornarem indivíduos com ótimas relações interpessoais e principalmente os alunos terão melhores condições intelectuais de aprender. Saltini (2008, p. 92) diz: “A educação é uma arte. Não é uma mera profissão ser educador. Manipulamos a educação com as duas mãos a do afeto e a da lei das regras”.

Isso quer dizer que ser educador é ter comprometimento com o conhecimento que transmite ao aluno, e tanto o afeto quanto as leis das regras caminham juntas para construir os valores e a aprendizagem do aluno. Esse trabalho realizado pelo professor não corre de qualquer maneira, precisa de responsabilidade e respeito em sala. Segundo Cunha (2017, p. 91):

Em razão do conhecimento prévio do conteúdo, o professor possui o domínio da matéria e, por conseguinte, sabe como promover o aprendizado dos seus alunos. Entretanto, além disso, ele ama o que faz. O seu amor provoca o amor da classe, como

resultado, há fixação do que foi ensinado. A essa pedagogia, podemos chamar de afetiva (Cunha, 2017, p. 91).

A pedagogia afetiva é esta linha que deve ser seguida em sala de aula, demonstrando afeto, sensibilidade, respeito, responsabilidade, dedicação, empatia e compromisso com o que se faz e para quem se faz. Com isso, constata-se que há uma boa receptividade dos alunos em querer absorver o universo de conhecimento que está sendo ofertado pelo professor. Nesse contexto, a relação de confiança estabelecida torna-se sólida e recíproca. Segundo Oliveira (2006, p. 47):

[...] o desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seus meios, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece relações afetivas e emocionais. A criança traz para o ambiente escolar toda a carga afetiva de seu desenvolvimento com os familiares, os problemas emocionais surgirão nos contatos que se estabelecerão e, as crianças que tenham desenvolvido a inteligência emocional saberão lidar com as frustrações que este ambiente e suas relações lhes proporcionarão.

O diálogo, o sentimento em cada gesto, a cada palavra, são capazes de transformar o cenário educacional e humano onde se encontram esses sujeitos. Seja como for, é imensurável pedagogicamente a instrumentação da afetividade na práxis do educador e do educando. Para tanto, cabe ao docente a responsabilidade de criar nesse espaço um ambiente saudável e equilibrado para todas as ações provenientes em sala de aprendizagem. Essas devem ocupar um espaço relacionando teoria e prática, mantendo laboratórios que possam exercitar suas funções com o ambiente de trabalho. As percepções que o educando tem de seu docente estão relacionadas na forma que ele entende as ações, os vínculos e atitudes desse professor.

A percepção que o aluno tem de mim, não resulta exclusivamente de como eu atuo, mas também de como o aluno entende que eu atuo. Evidentemente, não posso levar os meus dias como professor ao perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem da minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito (Freire, 2005, p. 97).

Percebe-se, no cotidiano docente e nas tarefas que cabem no exercício das práticas, o quanto as relações estabelecidas com os educandos facilitam e servem como alicerces para as tratativas e encaminhamentos de várias situações que são comuns nas salas de aula. Isso, juntamente com o conhecimento, elemento esse mediador dessas relações, faz com que as práticas ocorram naturalmente. Neste contexto, torna-se fundamental a confiança do discente e a admiração que ele estabelece com o docente quando pertence a um ambiente no qual há

respeito. Tem-se, assim uma relação recíproca, harmônica, de confiança e domínio por parte de seu professor dos conhecimentos a serem apropriados.

2.1 O papel da afetividade na educação

Historicamente, a formação do professor esteve orientada pelas práticas que valorizam a objetividade e praticamente eliminam as emoções. Deixando de lado a emoção dos sujeitos, na medida em que lhes é imposto certa neutralidade e indiferença como condição para o correto desempenho do profissional. Conforme Maturana:

[...] vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional (1999, p. 15).

Compreendemos a existência, dentro da sala de aula da relação de racionalidade e da afetividade. Para Almeida (2004, p. 82): “[...] a emoção só será compatível com os interesses e a segurança do indivíduo se souber compor-se com o conhecimento e o raciocínio”. Já Arantes (2002) afirma:

[...] os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas a se conhecer e a compreender melhor suas próprias emoções e as das pessoas com quem interagem no dia a dia (Arantes, 2002, p. 172).

A discussão sobre o papel da afetividade na educação vem de muito longe, mas não se pode deixar de ressaltar, por outro lado, um movimento afetivo que faça com que os conteúdos toquem os sujeitos, tornando a aprendizagem significativa. Para Chalita (2001, p. 230):

O grande pilar da educação é a habilidade emocional. Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a cognitiva seja trabalhada. Trabalhar emoção requer paciência. Trata-se de um processo continuado por que as coisas não mudam de uma hora para outra. É diferente de uma simples memorização, em que o aluno é obrigado a estudar determinado assunto para a prova, decorar conceitos e o problema está resolvido. É diferente de um conceito em que o professor, detentor do saber em sua bondade, doa o conhecimento ao aluno que o decora esse conhecimento decidido pelo professor. A emoção trabalha com a liberação da pessoa humana. A emoção é a busca do foco interior e exterior de uma relação do ser humano com ele mesmo e com o outro, o que dá trabalho, que demanda tempo e esforço, mas que significa o passaporte para a conquista da autonomia e da felicidade.

Cada vez mais se reafirma, assim, a crescente necessidade de encaminharmos ações eficazes, permanentes e sustentáveis para a construção de um novo paradigma educacional.

Para que se estruture este novo paradigma, não há nenhum outro caminho do que a reforma do pensamento, em harmonia com os sentimentos entre aluno e professor. Uma vez que ambos se desenvolvem diariamente nas instituições de ensino, sem esquecer que não há reforma e abertura possível se não for parte a tão necessária promoção da integridade do ser.

Freire (2005, p. 50) afirma: “[...] o que importa na formação docente é a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando a coragem”. O ser humano é social, mas não nasce preparado para viver em sociedade. Desde a infância, o indivíduo é doutrinado frente aos seus ímpetos pela família, também aprende as questões ao redor do respeito e da violência. Nesse período, à afetividade já contribui — e muito — para suas aprendizagens, adquirindo entendimento sobre os limites e a valorização do outro.

A questão da afetividade em sala de aula torna-se um dos principais fatores determinantes para um vínculo de qualidade entre indivíduos, e entre o indivíduo e o objeto de conhecimento. Freire (2005) reforça esta ideia ao afirmar que o educar deve ser fascinante, comovente, possibilitando a celebração e admiração do ato, admirando a beleza, a complexidade e uma realidade interconectada totalmente, sinérgica, sincrônica, viva e ativa.

Seguindo as ideias do autor sobre a expressão da afetividade e da sensibilidade na relação pedagógica, entende-se que, no processo educacional, estão envolvidos aspectos cognitivos, mas também há afetividades que marcam e conferem aos objetos um sentido que determina a qualidade das aprendizagens.

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (Freire, 1996, p. 160).

Na mediação frente ao processo de ensino-aprendizagem, a educação de forma afetiva faz com que as atividades em sala de aula tornem-se um ambiente que favoreça a convivência e a troca de experiências em prol do saber, tanto do professor quanto do aluno. Rousseau (1994) nos presenteia com a seguinte definição, quanto ao afeto na relação entre professor e aluno:

O aluno deve, sobretudo, ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre (Rousseau, 1994, p. 23-24).

De forma interdisciplinar, as vivências de ambos acabam constituindo uma prática enriquecedora à medida que o professor acaba preparando esse aluno para a vida além da sala de aula, para que ele possa usar tudo que aprendeu e vivenciou para seu desenvolvimento profissional, social e humano. Isso porque a educação prepara para as ações referentes ao trabalho. Também sobre isso, Chalita (2001, p. 257) diz:

Quando se pensa em educação, pensa-se no mercado do trabalho, nos desafios que surgem a cada dia. Um mundo que exige cada vez mais da pessoa humana e que não tem volta. Todos os problemas dos centros urbanos e das zonas rurais. Todo o equilíbrio necessário para trabalhar com galhardia na solução desses problemas, enfrentando-os, sem medo e com competência (Chalita, 2001, p. 257).

Ser um agente capaz de transformar o meio que está inserido é um dos inúmeros papéis do professor para com esse aluno, em sua busca incessante pelo diferencial frente ao trabalho e todos os seus desafios que permeiam a sua vida continuamente projetam-se demandas e soluções ágeis e contundentes para sua resolução. Complementando com as palavras de Freire (1979, p. 15): “[...], não há educação sem amor. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar”.

Ao mesmo tempo em que o aluno é inserido nesta atividade, faz com que sua práxis seja cada vez mais fomentada por suas descobertas, vivências e reflexões, todas agem de forma sistemática sob a ótica educacional. Almeja-se, com essa ação, que o sujeito possa ser totalmente proativo frente a esse exercício, já que o trabalho o dignifica.

Conforme Chalita (2001, p. 52): “[...] o homem certamente nasceu para o trabalho, que lhe é indispensável como o meio de subsistência e como meta para concretizar seus planos”. Sobretudo, o autor diz que o grande desafio do educador é convencer o educando na valorização do bem comum, da convivência e responsabilidade junto aos demais indivíduos, objetivando a construção de um mundo cada vez melhor para as gerações que virão, onde o alicerce está fundamentado no respeito do professor para com o seu aluno.

Respeito ao aluno é o elemento fundamental a ser obedecido para que se forme uma geração com capacidade simultânea de sonhar e de executar, uma geração que imagine utopias e lute para a concretização delas; que se imponha metas e não tenha medo de tentar atingi-las, em qualquer idade (Chalita, 2001, p. 137).

Com sua fundamentação oriunda de uma relação afetiva cheia de significados, o docente deve ter a preocupação em fazer da sala de aula um espaço propício para a existência de interações entre os alunos, criando possibilidades de emergir a construção do conhecimento, em que essas interações vão assumir o papel na formação efetiva dos educandos. Com essa

preocupação, deve-se observar mais o aluno, ouvi-lo. Nesse sentido, já não basta ter criatividade, dinamismo, entendimento profundo dos conteúdos, que são importantes. Acima de tudo, é necessário que esse aluno encontre vínculo e uma relação amistosa. Esses elementos, juntamente com metodologias diversificadas, impactam diretamente na aprendizagem.

Segundo Libâneo (1999), o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Ele dispensa atenção e preocupa-se para que o indivíduo/aluno desenvolva sua forma de expressão. Ao expressar opiniões ou dar respostas, os alunos demonstram como estão reagindo à atuação do professor.

Para tanto, pode-se afirmar que o fruto da aprendizagem está vinculado essencialmente na forte relação afetiva existente entre aluno e professor. Ser um docente que facilite a aprendizagem é uma tarefa difícil, pois requer a quebra de paradigmas de preconceitos. É importante estar consciente de que, em uma sala de aula, não há aprendizado homogêneo e imediato. Acompanhando a sua classe no dia a dia, a orientação e o olhar do docente conquistarão gradativamente o despertar do potencial de seus discentes, possibilitando uma postura mais crítica e reflexiva de uma totalidade.

Neste contexto, torna-se inegável que, para desenvolver, para conhecer, para perceber, é necessário paixão.

O desenvolvimento da inteligência, do conhecimento e da percepção, é inseparável do mundo da afetividade, da paixão, da curiosidade, tornando-se estas alavancas para as pesquisas filosóficas e científicas. O cientista objetivo, sério e calculista é também um ser de sonhos, fantasia, impulsos e desejos (Morin, 2000, p. 59).

A afetividade constrói bases para que as teorias possam ser percebidas, experimentadas, testadas e até mesmo vividas. É do modo como os conteúdos de um plano de curso são abordados e disponibilizados em turma, que terá paixão ou não, a curiosidade ou não, e é neste perceber que serão trabalhados, sentidos, recebidos pelos alunos.

A relação afetiva impulsiona e motiva o aluno no seu processo de aprendizagem. O valor do relacionamento afetivo e as ações interativas, do aluno e do professor, contribuem diretamente para o sucesso do processo educativo. Segundo Saltini (1997, p. 20): “A escola deveria também saber que, em função dessa articulação, a relação que o aluno estabelece com o professor é fundamental enquanto elemento energizante do conhecimento”. La Taille, Oliveira e Dantas (1992, p. 65) abordam a mesma temática:

[...] a afetividade é comumente interpretada como uma energia, portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a

motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetivos ou situações (La Taile; Oliveira; Dantas, 1992, p. 65).

Por fim, apropriados os conhecimentos deste plano, a receptividade, a aceitação e o ambiente que esses alunos encontram ao chegar à sala de aula despertam o interesse em participar desta pequena sociedade educacional. Nesse mesmo sentido, os discentes percebem as relações estabelecidas em sala de aula, que vão direcionar o despertar para a curiosidade e o conhecer.

3 Metodologia

A metodologia consiste em um processo de desenvolvimento e conjunto de etapas e processos a serem cumpridos, ordenadamente, na investigação. Representa o passo a passo realizado da geração da pergunta a ser respondida até a obtenção da resposta e quais meios serão utilizados para tanto. Para o desenvolvimento do problema de pesquisa, utilizou-se um processo metodológico contemplando a realização de uma pesquisa qualitativa, partindo do preconizado pela revisão bibliográfica, objetivando o nivelamento dos conhecimentos. Com esse nivelamento, é possível a extração de uma visão crítica, dos aspectos norteadores.

Desenvolveu-se uma pesquisa exploratória com o intuito de promover um maior conhecimento na área de estudo, com bibliografias de autores que dão ênfase à questão afetiva e sua contribuição, tanto pedagógica quanto educacional, no processo de ensino-aprendizagem por intermédio do professor.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (Gil, 2008, p. 41).

Conforme o objeto de estudo do artigo e com a utilização da análise literária por intermédio do acesso à literatura acerca de autores que buscam entendimento da problemática apresentada, faz-se necessário ressaltar que a natureza quanto à abordagem da pesquisa fora destacada pelo levantamento bibliográfico, como livros, artigos, a utilização de publicações em *sites* seguros e dotados de contribuição do saber para a construção do artigo e periódicos publicados para o oferecimento do conhecimento com forte embasamento teórico.

Segundo Triviños (2008, p. 109): “Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar suas experiências em torno de determinado problema”. Considerando o desenvolvimento proposto por Tranfield, Denyer e Smart (2003), o processo metodológico

seguido: “1º Estágio: Planejamento da Revisão – 2º Estágio: Condução da Revisão – 3º Estágio: Apresentação e Discussão dos Resultados”. A escolha da abordagem qualitativa torna-se necessária no presente estudo, pois permite respostas a realidades que não podem ser quantificadas.

4 Considerações finais

O artigo possibilitou a verificação de um tema de grande relevância, provocando uma revisão sistemática, por parte do docente, sobre a sua práxis, pois a afetividade tem uma importância significativa no processo de aprendizagem, conforme detalhado no estudo realizado. Considera-se com mais clareza que a afetividade, mesmo que inconsciente, está presente em todas as ações de ensino que o professor assume desempenhar, constituindo-se como fator elementar das relações que se estabelecem entre alunos e conteúdo.

Passa-se a compreender que, se o educador conhece seus alunos e valoriza as relações dentro da sala de aula, auxiliando-os em seus interesses, possibilitando a apresentação de soluções para que as salas de aula tenham clima afetivo. Para isso, planejando aulas com atividades atraentes, que despertem a curiosidade, contribuindo no processo de ensino-aprendizagem.

Os fenômenos afetivos referem-se da mesma maneira aos estados de raiva, medo, ansiedade, frustração, tristeza, angústia, sentimentos presentes nas relações sociais, que desgastam não só o aluno, mas também o professor. O educador mediador deve valer-se das relações afetivas para contribuir no processo de aprendizagem, aproveitando-se das competências para criar e desenvolver o novo, adotando uma postura de revisão reflexiva de suas práticas. Os indivíduos/alunos aprenderão muito mais e, com certeza, com maior qualidade. Para isso, demonstrando a qualidade desse ambiente — receptivos, afetivos, tolerantes e flexíveis, dentro das regras organizacionais.

Para que as relações entre o professor, o aluno e o conhecimento gerem resultados positivos, é necessário que o docente encontre um sentido que lhe traga orgulho, felicidade e que seja esse seu maior objetivo. Que consiga descobrir na afetividade o caminho pelo qual estava buscando e conhecendo. Os autores consultados para o presente estudo consideraram a importância do afeto nas relações que estabelecemos como elementos fundamentais para que ocorram novas mudanças no comportamento, nas ações e, principalmente, que favoreçam a formação de indivíduos autônomos, capazes de analisar, tomar decisões, influenciar

positivamente aqueles que o cercam, reformando a sociedade na qual estão inseridos, sendo capazes de gerar transformações mais humanas.

Para tais transformações, salienta-se o papel do professor, que traz como missão a forma que exerce sua profissão, quando de maneira apaixonada pelo que transmite, e pelo aluno, e consegue perceber as realidades em tempo de cada turma, não exercendo a docência de forma padronizada, sabendo que as relações interpessoais que estabelece servirão de base para que haja o despertar da curiosidade.

Todo ser humano precisa de limites, mas também de carinho e de amor. Um educando aprende o que é o respeito, e respeita a partir do momento que reconhece o seu educador como um amigo que o respeita e merece respeito, como também alguém que se preocupa de verdade com ele e que lhe mostra os caminhos.

O estudo apresenta o verdadeiro papel do educador na vida do educando e sobre como poderá exercer sua influência de forma positiva ou negativa. Cabe ao professor enxergar o aluno como um ser único que precisa aprender. Para que isso aconteça, é fundamental a compreensão da necessidade de amor, respeito e muito afeto.

As palavras dos autores pesquisados reforçam os resultados desta pesquisa, que apontam para a influência das relações entre professor e aluno na aprendizagem do discente. Percebe-se a importância da presença do afeto na relação professor e aluno, bem como ser possível identificar nas entrelinhas que a qualidade das relações, em uma sala de aula, deve ser fomentada pelo professor.

Um professor entusiasmado, sem dúvida, é fundamental para o bom ensino. Trata-se de um diferencial. A sua função aparece como sendo a de ensinar, contribuindo e fazendo com que seus alunos tenham paixão pelo que estão aprendendo, ajudando-os a tomarem iniciativas e irem à busca de conhecimentos que lhes proporcionem a construção de um mundo mais humano e justo.

O professor deve interagir com seus alunos, procurar saber o que pensam e o que também gostariam de aprender, suas expectativas, os seus medos e ansiedades. Quando ele não interage, não se sente motivado com a sua prática e com a sua vida pessoal, estabelece sentimentos negativos no processo e na relação com seu aluno. Para esses educandos, torna-se fundamental que os professores tratem bem a todos, não fazendo diferença entre uns e outros, pois eles demonstram desejo de ser respeitados na sua condição de aluno, considerando que aí existe uma pessoa. Torna-se, também, importante lembrar que as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização de mudanças em níveis profissionais e comportamentais.

Importante ressaltar, também, que o carinho, o amor transmitido, não vai anular a autoridade do professor. Pelo contrário, vai aproximá-lo do aluno. Ao interagir com seus alunos, está ensinando experiências que serão essenciais para viver. O questionamento que permeia este trabalho é um dos passos em direção ao entendimento amplo das contribuições de que os sentimentos afetivos podem servir como estímulos e, com isso, agregar inúmeros conhecimentos aos sujeitos. É nas relações dos alunos entre si e dos professores que o docente e o discente se encontram, que se constitui o direito de aprender e de ensinar; e, como consequência, ambos têm a certeza do direito de serem felizes.

Entende-se que o segredo do bom ensino está diretamente ligado ao entusiasmo pessoal do professor. O docente é o principal agente estimulador para que o indivíduo/aluno desenvolva a paixão pelo aprendizado: ajudar os alunos a tornarem iniciativas na busca de conhecimentos que lhes proporcionem a construção de um mundo mais humano e justo. Essa, por sua vez, é a tarefa árdua e mais prazerosa, que o professor na sua utopia busca tornar real todos os dias.

Referências

- ALMEIDA, A. R. da S. **A emoção na sala de aula**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- ALMEIDA, L. R. de; MAHONEY, A. A. **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- ANTUNES, C. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.
- ARANTES, V. A.: A afetividade no cenário da educação. *In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (org.): Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002.
- BENATO, A. F. **Afetividade no processo de aprendizagem: um estudo de caso com crianças de Educação Infantil**. 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/111359/185821.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 out. 2020.
- CHALITA, G. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.
- CUNHA, A. E. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.
- FERNANDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e sua Família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** 13. ed. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, Coleção Magistério, 1999.

MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** São Paulo: Loyola, 2007.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, G. A Transmissão dos Sinais Emocionais Pelas Crianças. *In*: SISTO, F.; MARTINELLI, S. **Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica.** São Paulo: Vetor, 2006.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: LCT, 1971.

ROUSSEAU, J. J. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie.** Trad. Dorothée de Bruchard. Porto Alegre: Paraula, 1994.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e Inteligência.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge Means of Systematic Review. **British Journal of Management**, London, v. 14, p. 207-222, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2008.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada.** Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2008.